

# A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e outras que lhe são correlativas

Orgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Director e redactor principal: MANUEL GOMES DA SILVA — Sub-director: ALFREDO CARVALHAL

<p>Assignaturas</p> <p>Por series de 6 ou 12 num. (cada n.º) 30 réis</p> <p>Provincias, idem. . . . . 40 »</p> <p>Extrangeiro e Colonias, idem. . . . . 50 »</p> <p>Brazil, idem. . . . . 60 »</p>	<p><b>REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO</b></p> <p>Travessa de S. Nicolau — 12, 2.º D.</p>	<p>Annuncios</p> <p>Cada linha . . . . . 20 réis</p> <p>Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.</p>
--	--	--

## EXPEDIENTE

As assignaturas são pagas adiantadamente, e contam-se desde o 1.º dia de janeiro ou de julho, por semestre ou por anno.

Rogamos aos srs. assignantes em debito o favor de mandar pagar os semestres vencidos.

Os que tiverem recebido algum numero de menos, queiram reclamar-o.

A **Secção da Correaria** é toda de unica responsabilidade da commissão especial da Associação dos Melhoramentos da Classe dos Correios.

## Os tratados de commercio

Não condemnamos em absoluto os tratados de commercio, nem entendemos dever-se prejudicar outras nações dando-lhes em troca menos utilidades. Condemnamos desde 1868 o tratado com a França, porque era e foi prejudicial, do qual, por causa do privilegio de nação mais favorecida, a Inglaterra desde logo começou a aproveitar. Effectuaram-se mais tratados com outras nações, e em breve o nosso paiz foi inundado de manufacturas provenientes de Inglaterra, França, Allemanha, Belgica, Suissa, etc., manufacturas que cada anno em maior quantidade eram introduzidas no nosso mercado.

Nações, que mais cedo se adiantaram na industria, e onde o dinheiro é mais barato, aproveitaram bem as concessões do Portugal atrazado e indolente. Os nossos estadistas julgaram ter alcançado para o vinho uma grande extracção, a França tinha o seu, a Hespanha e a Italia idem, a Allemanha tambem o tem, e o gosto pela cerveja em Inglaterra, e Allemanha não se destroe com quatro pennadas em um tratado.

A França em quanto não restaurou as suas vinhas, e enquanto não as creou abundantemente em Argelia, foi-nos comprando, principalmente como materia prima para o seu Bordeaux de exportação, comprando-o tambem á Hespanha e á Italia.

Cuidou de si, assim deveriamos nós haver cuidado, mas adormeceu-se como de costume, e os nossos governos gostavam de vêr avolumar o rendimento alfandegario! Não avaliavam o mal que d'ahi viria.

Aos nacionaes foi enfraquecendo o trabalho, mas os sabios dirigentes da coisa publica não cessavam de os mimosear com mais e mais tributos! era com que mais cuidavam de os favorecer!

No *Commercio de Portugal* não cessavamos de lembrar o mal que crescia, e a nossa longa serie de artigos

ali sobre a *crise industrial e o trabalho nacional* eram desattendidos por aquelles que chamavam prova de augmento de riqueza, ao excesso da importação commercial.

E ainda hoje infelizmente precisamos combater aquelles que parecem aconselhar ao governo que destrúa a pauta proteccionista, se quizer ter muito dinheiro pelos direitos alfandegarios!

O illustre secretario do sr. Casal Ribeiro, infeliz negociador do primeiro tratado com a França em 1868, mimoseava-nos com a frase *quem te manda a ti sapateiro tocar rabeção?* Não queria elle e o seu superior que um sapateiro contrariasse a sua ruim obra.

Agora os factos demonstram que os sabios foram ignorantes, e melhor fóra que se occupassem em tocar rabeção, para o que convidavam na *Revolução de Setembro* o fabricante de calçado.

Os factos deram-nos razão. Trememos quando ouvimos fallar em novos tratados, e agora muito principalmente desde que nos negaram a garantia de uma pauta minima.

## Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

### Relatorio da gerencia de 1891

*Collegas e socios:*

A direcção por vós cleita em assemblea geral de 26 de abril do anno findo, tem a honra de vos apresentar o seu relatorio e as contas da sua gerencia, relativas ao anno de 1891.

Fechado o balanço em 31 de dezembro, verificou-se que a receita foi de réis 295.710, e a despeza de réis 306.771, havendo portanto um *deficit* de réis 11.061, que diminue o saldo de 1890 para 78.813 réis.

Existiam em 31 de dezembro de 1890, 62 socios, foram admitidos 3, despediram-se e foram eliminados 10, ficaram existindo 55.

A direcção não pode deixar de registrar, como já fez a sua antecessora, a indiferença que a classe continúa a demonstrar pela utilidade da nossa agremiação. É tal o desconhecimento do valor da associação, que se continúa ouvindo: «ora para que me pode servir a associação?!» No entretanto a associação vae produzindo beneficios, que aproveitam aos mesmos descrentes.

No assumpto—pautas aduaneiras—a propaganda da associação e do seu jornal, contribuiu para o desapparecimento da taxa unica de 400 réis, e agora pela nova pauta as 4 taxas de 2.500, 2.000, 1.500 e 600 réis, dificultaram a importação estrangeira, a qual ultimamente se tinha alargado.

No projecto da pauta de S. Thomé é proposto o direito de réis 1.000 por cada par importado directamente do estrangeiro.

A reclamação da associação, pedindo maior protecção nas pautas de Angola e Cabo Verde é conhecida de todos vós, esperamos saber o resultado.

No tratado negociado com o Brazil, por diligencias da associação, foi incluido o artigo calçado.

O nosso jornal tem ajudado todos estes esforços, e ainda no jornal que custa em Lisboa a insignificante despeza mensal de 30

réis, se revela a prejudicial indiferença da corporação, porque muitos e muitos mais assignantes e leitores podia elle ter, e reunido recursos para poder ser mais proveitoso.

Do cofre da associação saiu durante o anno, como subsidio ao jornal, autorisado por vós, a verba de 17\$800 réis.

Ainda se patenteia o valor da nossa associação na criação da *Cooperativa*, a qual está fornecendo materias primas aos associados em boas condições de preço e qualidade, e o bonus distribuido recentemente de 5 p. c. sobre a importancia das compras deixou satisfeitos os que tiveram esse quinhão ou recompensa ao fim do primeiro anno da gerencia de tão util instituição.

O gremio da contribuição industrial nos ultimos annos se tem sido constituído, deve-se a influencia da nossa associação. Por tal facto reverte em favor de todos os membros da corporação um beneficio de 3 p. c. nas suas collectas.

Ainda na conservação da capella dos nossos santos patronos S. Chrispim e S. Chrispiniano, que esteve prestes pelo abandono da classe a ir parar ao Estado, se encontrou a influencia da nossa associação.

O ensino profissional que vós autorisasteis a direcção a encetar mesmo modestamente, em razão da despeza com a mobilia paga no anno findo, e que absorveu uma verba soffrivel, pareceu a direcção dever-se adiar para epoca em que o fundo se tenha mais fortalecido, devendo se evitar que esse fundo se tenha exaurido em qualquer momento.

O gabinete de leitura está organizado, resta que elle seja aproveitado com mais curiosidade e desejo de aprender.

Está em projecto reunir em exposição alguns calçados que feitos em outras epocas, alguns associados tencionam offerecer á associação, isto depende principalmente da aquisição de uma mostra ou armario apropriado.

Estuda-se o desenvolvimento da exportação de calçado para as colonias, desde que a exportação para o Brazil tem sido immensamente reduzida. O que ha a fazer n'este sentido aproveitando a toda a classe, carece de maiores sacrificios, os quaes partilhados por maior numero de collegas, produzirão mais depressa o alvo que se deseja.

E' necessario augmentar o numero de socios, e para o conseguir deveremos todos procurar convencer os ainda descrentes a acompanhar-nos.

A direcção agradece a coadjuvação, que sempre encontrou na meza da assembléa geral, e no conselho fiscal, e termina o seu relatório manifestando o seu sentimento por não vos apresentar trabalhos de maior vulto, como desejava, e que só circumstancias poderosas e alheias á boa vontade não permitiram ainda esta vez pôr em pratica.

Lisboa e casa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, aos 23 de abril de 1892.

Os directores,

Joaquim Antonio Alves.

Luiz José Nunes.

José Antonio Fernandes Junior.

## Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado

Balancete em 31 de maio de 1892

ACTIVO	
Socios.....	1:202\$000
Caixa.....	76\$315
Monte-pio Geral.....	400\$000
Fazendas geraes.....	3:427\$625
Devedores.....	934\$635
Gastos geraes.....	107\$845
Gastos de instalação.....	60\$000
Moveis e utensilios.....	19\$050
	<hr/>
Réis.....	6:227\$470
PASSIVO	
Fundo de garantia.....	3:298\$000
Fundo de reserva.....	70\$000
Fundo fluctuante.....	10\$845
Capital a realisar.....	1:202\$000
Juros de capital.....	3\$405
Bonus de 1891.....	6\$740
Credores.....	1:636\$480
	<hr/>
Réis.....	6:227\$470

## Secção Industrial

### Calçado de infantaria

Extracto da continuação d'um artigo do sr. capitão Teixeira Machado, publicado no n.º 53 da Revista das Sciencias Militares.

(Em continuação do nosso n.º 29 pag. 34)

Entre a sola e a vira, até ao tacão e entre as duas solas, colla-se uma sola velha, que, com o uso, se tornou impermeavel e que, na parte correspondente á aboboda, é reforçada com um ou dois pedaços de cabedal velho. E' a isto que se chama *alma*. Além da alma, alguns sapateiros, para fazerem parecer que as solas são mais espessas e solidas, guardam nas interiormente com pedaços de sola velha. Tal fraude, que é necessario evitar, só se conhece porém descendo as solas, o que é indispensavel fazer em alguns pares do fornecimento. A fraude chega a ponto de se empregar papelão na confecção das solas.

Marey observou tambem que, quando a sola excede 0,015 a planta do pé, a partir do dedo pollegar, o passo alarga e torna-se mais rythmico. Na confecção do calçado militar é, portanto, necessario considerar esta observação.

O salto de prateleira e a sola de bordos salientes, tão popular entre nós, são pois essencialmente racionais.

Todas as costuras devem ser exteriores para evitar que o pé se fira.

E' necessario verificar que o calçado ao aparar a alma, junto á sola, não tenha sido cortado com a faca ou queimado com o ferro de polir. Com as solas salientes ha menos perigo que isso succeda.

O calçado racional é usado em Inglaterra e nos Estados Unidos da America desde 1858, passando d'aqui para o Brazil, onde é conhecido pelo nome de calçado americano. Em 1860 principiam na Suissa os estudos sobre este assumpto; em 1873 na Italia; em 1874 na Alemanha.

Actualmente, que sabemos, é regulamentar nos exercitos sueco, allemão, austriaco, italiano e suizo.

## Secção Commercial

### Negocio em Lisboa

As informações que alcançámos acerca do mez findo nos dem o movimento do calçado regular nos estabelecimentos da capital. A exportação porém foi pequenissima, e o que é mais para sentir é que os nossos mercados coloniales ainda não nos favorecem como podiam e deviam, mas lá está a concorrência principalmente ingleza que é patrocinada por o commercio africano, lá está o contrabando para zombar do fisco! Não nos illudamos porém quanto ao movimento de junho ter sido mais animado, a crise que atormenta o paiz não desapareceu, e os queixumes dos consumidores quanto a falta de interesses tem fundamento, e na nossa classe ha para receber a fraqueza que virá do meio da estação para diante.

### A Bandeira branca

Crescem os preços das materias primas, o cambio do franco e da libra encarecem o preço da mercadoria estrangeira, a pauta aduaneira exige maior direito na importação da pellica, mas depois dos milagres da *Bandeira encarnada* surgem agora os outros da *Bandeira branca*, e annunciam se preços, embora remuneradores para os que vendem obra mal construida e confeccionada com ruins materiaes, que transtornam os fabricantes da boa mercadoria os quaes são atormentados por clientes que muitas vezes não sabem distinguir o que lhes deve merecer mais confiança, e se persuadem lendo os annuncios dos *Barba-Aquês* que o calçado está muito barato!

Infelizmente a pobreza de muitos e a fraqueza de muitos mais favorecem durante a terrivel crise da actualidade os especuladores da ruim mercadoria. Tal circumstancia não deixa medrar o commercio e o fabrico mais consciencioso.

Voltaremos a tractar do assumpto em outra occasião, e por agora concluiremos extranhando que seja o capital do commerciante de sola e pelles diversas que se prestasse a auxiliar a concorrência do calçado fabricado, prejudicando a sua propria freguezia, com a qual vive e convive todos os dias e a to-ta a hora.

Costa a acreditar o facto, mas é infelizmente verdadeiro!!

J. A. Fernandes Junior.

### Mercado de couros

Lisboa 16 de julho.—Couros de Angola, os bons valem 240 réis, os regulares 190, e os de refugio 70 réis cada kilo.

## Secção Aduaneira

### Tratado de commercio com o Brazil

*Sandalias, tamancos, calçado (com exclusão dos sapatos, botas e botins de luxo e uso geral)*—direito a pagar, com 25 % menos do que o direito nacional, de estado ou municipal, fixado ou que venha a ser fixado na tarifa dos Estados Unidos do Brazil.

O tratado negociado pelo sr. Fernando Mattoso por parte de Portugal, e pelo sr. João Pereira de Andrade por parte do Brazil, assignado no Rio de Janeiro no dia 14 de janeiro de 1892, está dependente da aprovação dos parlamentos das duas nações.

A condição de ser excluído do beneficio o calçado de uso geral, torna este tratado de nenhuma utilidade para os nossos fabricantes do artigo. O negociador brasileiro soube defender os interesses da sua sapataria, a qual não quer occupar-se do *tamanco*. Qual é a exportação dos nossos tamancos para aquelle mercado? A estatística não a especifica, deve ser muito insignificante. Os nossos concorrentes inglezes, francezes, austriacos e outros continuariam a par dos sapateiros portuguezes nos direitos de calçado de luxo e de uso geral e hão de folgar e sentir a maior indifferença pelo favor concedido ao pòbre e modesto tamanco portuguez, artigo que elles não nos consta exportem para aquelle mercado, e a que não ligam maior importancia.

Conosco deverão os nossos collegas lamentar o mallogro das nossas esperanças quanto á vantagem que por algum tempo julgávamos se havia alcançado para uma importante industria que se vae definhando pela extraordinaria decadencia da exportação.

Coisas nossas, negocio serio, e bom será que os interessados possam alcançar segurar mais largo consumo nos mercados africanos, tanto mais preciso quanto é cada vez mais prejudicial a concorrencia no mercado interno reforçada nos ultimos tempos por maior numero de especuladores estranhos á classe!

A direcção da nossa associação não podia deixar de estudar tão grave assumpto, para elle deverá mesmo procurar a coadjuvação dos collegas não associa-los.

### Pautas Ultramarinas

Relatorio do sr. ministro da marinha, publicado no *Diario do Governo* de 18 de abril ultimo

SENHOR.—A remodelação das pautas das provincias ultramarinas impõe-se, de ha muito, como uma necessidade da sua vida economica e financeira, e como uma mais adequada forma de estreitar as relações commerciaes entre a mãe patria e os seus dominios coloniaes, necessidade tanto mais instante quanto maior é a tenueza para, nas pautas do continente, se adoptar um regimen accentuadamente protector do trabalho nacional.

Pequeno como é o theatro de operações de consumo no continente do reino, forçoso é alargar a esphera de collocações de productos da industria nacional nos nossos dominios coloniaes, e n'este sentido, dentro dos limites do possivel, se estabeleceram as pautas, que tenho a honra de apresentar á consideração de V. Magestade, nas quaes a protecção ao trabalho nacional só teve como limite as necessidades fiscaes, e a difficuldade de guardar largos tractos de costa e rios navegaveis, bem como a proximidade de colonias estrangeiras, onde o regimen pautal mais moderado poderia comprometter a vigencia dos caminhos commerciaes sertanejos, desviando-os para fóra dos nossos dominios.

O trabalho da confecção das pautas ultramarinas, que tenho a honra de propor á consideração de V. Magestade, não foi o esforço de um só individuo, nem o producto de qualquer doutrinarismo economico exclusivo; foi o sensato accordo de todos os legitimos interesses em jogo n'uma questão tão complexa, como é aquella de que mais immediatamente dependem as receitas das provincias ultramarinas, e o seu fomento, assim como não menos as suas relações com a metropole e concorrentemente, senão mesmo como objectivo primario, um largo incentivo á industria nacional, que deverá corresponder ao accordo estabelecido pela forma porque o fazem os industriaes estrangeiros; isto é, produzindo, segundo as exigencias do consumidor, e tornando assim viaveis as tarifas que proponho, porque, se ao contrario d'este espirito pratico predominar entre os industriaes metropolitanos o capricho da imposição, facultada pela alta das tarifas, e pelo valor do differencial, o contrabando virá annillar o patriótico empenho, que presidiu aos trabalhos perhilhados pelo governo, da comissão de pautas ultramarinas, onde as tabelas que proponho foram larga e proficientemente discutidas pelos representantes dos interesses industriaes, commerciaes e fiscaes, assim da metropole, como dos dominios de além mar, e onde foram ponderadas todas as reclamações, por quanto todas as propostas da referida comissão tiveram a mais ampla e essencial publicidade, e foi a comissão tão

minuciosa quanto se podia exigir, para que a todos se fizesse justiça e a todos os legitimos interesses se prestasse a devida e merecida attenção.

Da assiduidade no trabalho da comissão de pautas ultramarinas, da intelligente solicitude com que se tem desempenhado da sua difficil e complexa missão, podem dar testemunho brihante as actas das suas sessões, que existem nos archivos da direcção geral do ultramar, como peculio precioso para a historia economica dos nossos dominios ultramarinos, e não menos os longos relatorios, onde se compendiou tudo quanto, a respeito de cada uma das pautas, se pôde obter como informação pratica, e dados estatisticos apreciaveis.

O governo de V. Magestade, perfilhando trabalhos de tão elevada importancia, e apoiado com a auctoridade reconhecida dos vogaes da comissão de reforma das pautas ultramarinas, com o seu proprio estudo, e com a opinião favoravel da junta consultiva do ultramar, tem a consciencia de ter feito o seu dever, e a bem fundada esperanza de que as novas pautas ultramarinas marcarão na sua historia financeira e economica, um periodo de regeneração, que obterá da opinião publica o mais caloroso acolhimento.

Não permitem os estreitos limites impostos a este relatorio, que se entre em minuciosos pormenores acerca de cada uma das pautas; é justo, porém, que se dê uma idéa succinta de cada uma d'ellas, e que se indique qual o pensamento geral que presidiu á sua confecção.

(Continúa.)

## Secção de Estatistica

### Importação de calçado

	1891	1892
Janeiro, pares.....	926	5.410
Fevereiro, pares.....	689	236
	1.615	5.646

### Exportação de calçado

	1891	1892
Janeiro, pares.....	7.485	5.956
Fevereiro, pares.....	7.942	4.900
	15.427	10.856

A importação de fevereiro, 236 pares, foi certamente um resto dos despachos pedidos em janeiro, não concluidos no dia 31, e que obtiveram auctorisação para ainda pagarem em fevereiro o baixo direito convencional.

A exportação em fevereiro de 1892 foi de menos 3.042 pares do que em fevereiro de 1891, e nos dois mezes janeiro e fevereiro para menos 4.571 pares do que nos mesmos mezes de 1891.

### Exportação de manufacturas diversas

(Classe XII da pauta)

	Valor em réis
1891 janeiro e fevereiro.....	30.372\$000
1892 " ".....	26.296\$000
Menos.....	4.076\$000

Não foi só no calçado que a exportação cahiu, nota-se diminuição nos vehiculos, embarcações, fogo de artifício, barretes e bonets, obra de verga, e de materias filamentosas, mobilia, palitos e outros artigos.

O ruim cambio do Brazil tornando mais cara toda a sua importação, esta se tem restringido.

### Substancias alimenticias

Importação em janeiro e fevereiro de menos em 1892 comparado com 1891:

	Réis
Manteiga.....	14.824\$000
Queijos.....	5.786\$000
Bacalhau.....	87.839\$000
Arroz.....	49.090\$000

Na classe IX da pauta, na totalidade da importação das substancias alimenticias, nos dois mezes de janeiro e fevereiro de 1892, compara-to com eguaes mezes do anno anterior ha uma diminuição no valor de 750.343\$000 réis.

Não ha dúvida, a crise obrigou a comer menos, e portanto soffre o commercio, e desce o rendimento alfandegario. Para conhecer isto não é preciso nomear uma comissão especial.

## Secção Colonial

### Pauta de Moçambique

O sr. Santos Severino propoz que a navegação de cabotagem entre os portos da provincia de Moçambique, seja só permittida á bandeira portugueza—que a importação de productos nacionaes feita por navios portuguezes goze o favor de 50% nos direitos pautas—que a exportação de productos colonias quando destinados a portos nacionaes, pague o imposto de 5% *ad valorem*, e o de 10% quando destinados a portos estrangeiros.

### Alfandega de Loanda

Recebemos e agradecemos o envio da estatística d'esta alfandega e delegação fiscal de Novo-Redondo, r. ferida ao anno de 1891, e mais os mappas estatísticos relativos aos mezes de janeiro a abril do corrente anno.

E' para louvar o cuidado com que o seu director o ex.<sup>mo</sup> sr. H. A. P. Rodrigues conseguiu regularisar este serviço, que não vemos imitado nas outras alfandegas colonias.

Sentimos não encontrar nos mappas especificada em separado a importação do calçado, e suas proveniências.

Será mais completo o trabalho e mais proveitoso para o seu estudo, quando sejam designados em separado os diversos productos que pagam 10, 20 e 25% *ad valorem*.

Em outro numero nos occuparemos do exame d'estes mappas.

### Um colono desilludido

(Continuação do nosso n.º 30, pag. 43)

Desembarquei em S. Thomé, mas no pouco tempo que lá me demorei, não pude adquirir os conhecimentos indispensaveis para apreciar devidamente o seu desenvolvimento industrial. Entretanto, no genero que mais attrahia a minha attenção, sapataria, não encontrei nada digno de menção especial; as poucas casas aonde se fabrica, são no sentido das nossas antigas lojas de sapateiro, isto é, um individuo talhando e dois ou tres occupados no trabalho propriamente dito de officias. Convém notar que o mestre é branco, o resto do pessoal é negro; trabalha pachorramente, estando presente o mestre, mas apenas este vol a costas, o trabalho pára, olham-se entre si e trocam algumas palavras que só elles percebem, tal é a algaravia que usam.

O genero de calçado em que se occupam é de terceira ou quarta classe grosso. Vê se logo que aquillo está em principio; assim se explica que as pessoas que usam calçado de primeira ou segunda classe, o compram nos estabelecimentos commerciaes a que chamam quitandas, que vendem de tudo, variedade de artigos.

A quitanda, uma especie de mercearia, vende arroz, chapéus, aguardente, chitas, outras fazendas, calçado, vinho, gravatas etc. O curioso que lança a vista ao interior d'estas casas sente logo vontade de rir porque vê n'um armario um compartimento cheio de chapéus amontoados, em outro maços de fechaduras, de pregos, etc., n'outro louças ordinarias, chitas vistosas, tudo muito garrido para attrahir o negro, n'outro pinceis de pintor e caiador, etc. Não pode ser d'outro modo desde que a terra não permite estabelecimentos especiaes.

Uma das quitandas junta uma secção de sapataria, dirigida por dous brancos dos quaes um na mercearia e o outro na sapataria, e n'esta dous negros trabalhando em calçado grosso, e concertos. O mestre occupava-se, no momento da minha visita, em talhar umas floretas de botas altas. Pareceu-me casa importante, ali estavam alguns companheiros de viagem, conversando e bebendo vinho; offerecem-me, mas não querendo eu beber sem comer alguma cousa peço um pão. Isso sim, dizem os do grupo, temos corrido tudo, e é coisa que não ha.

Mas eu vejo pão n'aquelle cesto, digo dirigindo-me ao lojista. E' para o jantar respondeu o homem.

Mas um pão que o sr. me venda, não fará falta, visto que tem bastante (seriam uns doze). Respondeu, já os contei e não posso dispor de nenhum.

Intervem um companheiro de viagem. Mas dê cá um pão e apresente-o de menos na mesa; se o jantar é para nós, isso será connosco, não fará falta. (O individuo pertencia a um grupo que tinha encomendado ali o jantar).—Não é possível senhor, responde o lojista.

Acabou-se, digo comigo, o lojista é estúpido. Entra na loja um policia branco, conversamos sobre o assumpto, elle extranha o procedimento do quitandeiro. Dá um pão, homem.—Não pôde ser, teima o da loja.

O muleque, diz o policia dirigindo se a um pequeno negro, vae comprar pão. O rapaz vae e volta pouco depois, trazendo o

que se queria, por que o foi comprar longe, e a uma loja, aonde costumava comprar sempre aquelle genero para seus patrões.

Eis a razão d'isto. O padeiro faz invariavelmente o mesmo numero de pães, pois sabe quantos são os consumidores com que conta. Vem os colonos e o seu primeiro cuidado é comprar pão, não só para comer immediatamente, como para levar para bordo, e não o encontram. Se o paquete não sae no mesmo dia, encomenda-se, como se fez não só em S. Thomé como em Cabinda e outras partes; se sae no mesmo dia, passa se sem elle.

O pão que lá se vende regula em tamanho o que em Lisboa se compra a vintem, lá custa 30 réis, é bem feito, e como se vê não é caro, pena é escacear como deixo dito.

O vinho custa 60 réis o quartilho, medida antiga de Lisboa, a que no Porto chamariam tres quarteiros, pouco mais ou menos. E' parecido com o nosso vinho de mesa, mas muito mais alcoolico; não é mau, mas como é muito espirituoso, convem beber-se muito regradamente. Refiro-me a S. Thomé, mas n'estes generos succede o mesmo nas outras terras da Africa Occidental, incluindo mesmo Loanda e Mossamedes, aonde o vinho sobe a 80 réis a quantidade que acima menciono. Pão brôa, pão de milho, não existe.

Vi em S. Thomé grande numero de negras lavando roupa n'um riacho, que vem do interior e desagôa no mar. Travajam apenas uma tanga, um panno qualquer, um farrapo mesmo, cobrindo as partes inferiores; pernas e seios nu; ao pescoço um cordão de continhas muito vistosas; na cabeça um lenço n'uito garrido, dobrado em forma de cachenez, circulando a cabeça desde a parte superior da fronte, deixando a nuca descoberta. Na boca um cachimbo enorme. Interessantissimas typas!

A alfandega d'esta ilha é um grande edificio, ainda em construcção, o pessoal é negro em grande parte; vi na ponte de desembarque um grupo de negros no serviço de descarga de mercadorias, molles e madraços como todos os pretos, mas trabalhando porque dois empregados superiores, tambem pretos, os mimoseavam de momento a momento com algumas chibatadas, applicadas com umas varinhas parecidas com o chicotinho dos nossos cavalleiros da metropole. Aquillo á primeira impressão parece mal feito, mas breve o espectador se convence de que se não fosse assim, aquelles mandriões nada fariam, a não ser deitarem-se ao sol, de barriga para cima, cachimbo na boca, as mãos em cruz servindo de travesseiro. E' para isto a sua unica tendencia.

Tive o grandissimo prazer de fallar ali com o meu amigo e antigo companheiro em casa do sr. Gomes, no Bomjardim do Porto, hoje afères n'aquella ilha, o sr. Carolino Acacio Cordeiro, que me fez o mais bello acolhimento, levando a sua bondade a enviar-me a bordo, no meu regresso, algum dinheiro para ajuda das minhas despesas de viagem. E' um bello moço, e ardentemente desejo que continue sendo feliz.

Continuarei, se me permittir.

A. A. Peixoto.

## Secção de Correaria

### A crise na correaria

Não diminue, antes pelo contrario se agrava de dia a dia, a escassez de trabalho e por tanto a subsistencia d'aquelles que só n'elle encontram, a satisfação immediata ás suas necessidades, assim como a dos que na vida lhe são caros e constituem a parcella mais sacratissima da existencia humana.

Como uma avalanche medonha, a crise partindo do alto, expande na queda a sua acção mortifera sobre as camadas produtoras, para as quaes, por uma crassa aberração, são sempre mais cruéis os symptomas dissolventes da decadencia social.

Não nos permite nem o logar nem a situação, que representamos, abordar na sua complexidade superior, as causas determinantes d'esta enfermidade cruel que avassalla a sociedade portugueza.

E' certo não desconhecermos que o mundo contemporaneo, assueto a uma hegemonia tão intensa que o mais subtil desequilibrio, partindo d'um extremo europeu, se repercute atravez de todas as suas varias nacionalidades.

E' assim que a tormenta que hoje nos atrophia e debilita, não é um acontecimento sporadico e isolado, é antes um facto de ordem generica.

Abstrahimos porém, de encarar este phenomeno nas suas variadissimas ramificações e encaremos o somente debaixo do ponto de vista nacional, restringindo-o sobre tudo á correaria.

Primeiro de que tudo, urge examinar que circumstancias determinam esse estacionamento enervante que impõe o cruzamento de braços aos correeiros portuguezes.

Se fora permittido historiar n'este momento as causas decadentes da nossa industria, teriamos que filiar a sua origem, no advento da viação accelerada, assim como em outras muitas ma-

nifestações do progresso, applicadas á locomoção que tendem sobretudo a snpprimir o factor animal, como demastadamente moroso perante a velocidade cyclopica da vida moderna.

Circunscrevendo as nossas apreciações ao estreito ambito da vida nacional, nós vemos antes de tudo, uma serie de erros administrativos, pesando esmagadoramente sobre as varias classes do paiz, perturbando o seu desenvolvimento e lançando a desconfiança e o descredito onde só devia existir segurança e arrojio.

Não devemos desconhecer que são as chamadas classes abastadas aquellas que mais directamente consomem da nossa industria e assim, nós mais que nenhuma outra, somos influenciados pela acção climaterica.

Quando a primavera desponta e os primeiros raios de um esplendido sol varrem as brumas hibernas, as equipagens luxuosas aprestam-se para trazer perante o publico ávido de curiosidade, o fausto deslumbrante dos arreios magnificos; o verão quente e vivificador, é a epoca das grandes viagens, assim como a quadra balnear é o periodo aconselhado pela sciencia, para procurar no campo ou nas praias o ar puro e oxigenado que rareia nas grandes cidades.

E' então o momento anciosamente esperado em que o industrial vê desaparecer das suas vitrines, os artigos armazenados durante o inverno os quaes na sua grande maioria constituem accessorios indispensaveis áquelles a quem os meios de fortuna, premittem absorver a largos tragos a vida feliz e despreoccupada.

Foi sempre assim que a industria da correaria anteviu o primeiro calor primaveral com uma esperanza sorridente, para o seu doloroso estacionamento.

Que succede porém agora? como uma miragem enganadora, o verão depressa se extinguirá, deixando após de si um sulco de desalento mais profundo do que nunca.

O capital concentra-se batido pelo receio dos boatos terroristas que mais ou menos nos assaltam e longe de acalentar as grandes arterias da produção, vae antes estagnar-se no jogo infame da bolsa ou recolhe cautelosamente nos cofres fortes dos seus possuidores, mandando ao diabo o soffrimento atroz dos que só vivem produzindo.

Por outro lado á viação no nosso paiz, sobre tudo na capital, está assumindo uma das formas mais nocivas e mais evidenciadoras do industrialismo contemporaneo, isto é, concentrando as suas forças debaixo da forma de syndicatos ou monopolios, esmagando debaixo da sua engrenagem portentosa os que lutam isoladamente e que não querem submitter-se aos seus tiranicos caprichos.

Haja visto o que succedeu com o ultimo contracto entre a Camara Municipal de Lisboa e a Companhia Carris de Ferro, o qual logo que seja posto em pratica, annullará absolutamente qualquer outra tentativa industrial d'este genero, lançando ao ostracismo numerosos chefes de familia, entre os quaes, com magua o dizemos, figuram já alguns collegas nossos votados á voragem da crise pela rapacidade de algumas das empresas contractantes.

Taes são em rapido esboço, algumas das principaes causas que tão fortemente contribuem para aggravar a precaria situação em que nos debatemos.

Nestas condições que resta fazer? crusar os braços, esperar que a miseria nos dilacere e anniquile; não pôde ser, o mau estar que nos atormenta, afigura-se-nos um elemento denunciante da tempestade assombrosa que rugue no sub-sólo do actual periodo historico, apresentando aos nossos olhos o aspecto sintomatico d'um crepusculo tenebroso, d'onde renascerá uma alvorada feliz para as classes productivas.

Não sejamos porém, visionarios e como qualquer acontecimento de remodelação social, só longinquamente pôde ser previsto e como as necessidades domesticas são imperiosas e inadivels, appellemos para o estado, como principal representante dos interesses collectivos, reclamando trabalho e alimento para os que d'elle carecem.

Posto isto, invocamos mais uma vez a solidariedade da classe, lembrando-lhe a necessidade da sua união, em face d'estes transees, visto que só d'ahi pôde resultar a acção fortificante e productiva para todos.

### Pinças para sellins

Uma das qualidades indispensaveis n'uma cocheira intelligentemente dirigida, é a aquisição de todos os utensilios que contribuem para a conservação e elegancia das varias peças componentes de um arreo.

Um dos artigos que pela sua conformação e estrutura mais tende a deteriorar-se, quando negligentemente cuidado é sem duvida o sellim.

Um dos defeitos a que frequentemente está exposto, é a deformação das abas pequenas que, conservando em permanencia os loros na sua parte inferior, se levantam desgraciosamente, dando ao sellim um aspecto de um passaro em largo vôo.

No intuito de obviar a este defeito, julgamos util recommendar

um novo uso de pinças que, pela sua simplicidade e diminuto preço, se tornam dignas da sua vulgarisação.

Estas pinças collocam-se de cada um dos lados do sellim e compõem-se d'uma lamina d'aço flexivel, arredondada nas extremidades e recurvada sobre si propria, formando uma mola similhante a uma tenaz, tendo as pontas ligeiramente inclinadas para a parte exterior, a fim de facilitar a sua introdução pela frente do sellim de forma que, apertando entre si a aba pequena junto á grande, as ajuste e comprima prevenindo assim qualquer defeituosidade.

A largura da lamina, é de 26 a 28 millimetros e a sua extensão é de 15 centimetros para cada um dos lados da curvatura, ou seja 30 centimetros a extensão total.

Será conveniente que a mesma seja envolvida em couro, pondeando a em volta, procurando sempre que as qualidades do couro e do fio empregado no pondeado, sejam eguaes ás empregadas no sellim, tornando-se assim mais agradavel á vista.

## Congresso operario no Porto

### Relatorio do nosso delegado

(Continuação)

Como o congresso não podia, por forma alguma, permittir essa supremacia, fosse para que lado fosse, o relator do parecer, o nosso companheiro Guedes Quinhones apresentava entre as suas conclusões as seguintes:

1.ª Que o movimento de maio, em Lisboa, fosse entregue á commissão executiva que devia ser eleita no congresso;

2.ª Que no Porto, esse movimento fosse confiado a uma commissão de sete membros eleita no congresso.

Aqui se começou a accentuar fortemente a divergencia.

Entre os delegados das associações do Porto existiam diversos membros da federação.

Foram esses delegados que reclamaram para a federação o movimento de maio.

Convém notar, que na federação do Porto, não estão todas as associações operarias d'essa cidade.

A' data do congresso, havia cinco aggremações que não adheriam á federação e já depois do congresso, uma outra associação, a dos tecelões, retirou o seu delegado.

Entregar pois o movimento de maio á federação das associações, equivalta não só a dar a essa collectividade a preponderancia sobre os dois outros grupos a que já alludimos, como tambem a deixar fóra d'esse movimento collectividades que tinham direito a intervir n'elle. Tudo aconselhava pois aos espiritos desapaixonados, a votação do parecer com as suas conclusões; e foi assim que a maioria dos delegados, deu o seu voto ao trabalho do nosso companheiro Quinhones.

Não poderam porém, alguns delegados portueus, conformar-se com a votação da assembléa e começou então o periodo das arruaças, dos insultos e das aggressões. A propria sessão a que eu presidi, vi-me forçado a encerrar a no meio d'um tumulto enorme.

A quarta sessão era destinada á apresentação do parecer do nosso companheiro Conceição Pires, com respeito á legislação do trabalho.

Foi de todas as sessões do congresso a que correu mais tranquilla e depois d'um discurso magistral do camarada relator, que mais uma vez affirmou os seus dotes oratorios e o profundo conhecimento das questões operarias, o parecer foi votado.

Antes da ordem da noite d'esta sessão, um delegado apresentara uma moção que tendia a assembléa a reconsiderar sobre a votação da vespera. Foi essa moção que veio levantar novamente a discussão sobre a manifestação de maio, e que occupou toda a quinta sessão. Já então não eram unicamente os delegados portueus pertencentes á federação e alguns seus partidarios de Lisboa os unicos a promover a desordem.

Já se metia gente nas galerias de proposito para a arruaça. Nunca julgámos que o Porto tivesse dentro dos seus muros quem se prestasse a estas scenas, demais, quando a delegação portueusa ao congresso de 1891, foi aqui tratada com toda a cortezia e urbanidade. Mas o facto deu-se, infelizmente.

Procurámos quanto possivel a forma da conciliação entre os diversos elementos heterogeneos do congresso.

E como um delegado de Lisboa, o nosso companheiro Vasco Gamito, apresentara na sessão em que o parecer se discutira, uma proposta para que a manifestação de maio, no Porto, fosse entregue a uma commissão, composta d'um delegado por cada associação portueusa representada no congresso e como essa proposta merecera então os applausos dos membros da federação, a maioria resolveu d'accordo com um dos membros da mesma federação, que achou na proposta um meio conciliador, perfilhado a.

Com surpresa, porém, vimos que semelhante proposta, assignada pelo proprio secretario da federação é impugnada pelos delegados que primeiramente a tinham applaudido.

Estes factos, narrados com a singeleza que nos é peculiar, indicam clara e precisamente de que lado estava a seriedade, o desejo de contemporisação e onde transpareciam os odios, as paixões e as velleidades mesquinhas. A proposta foi approvada no meio do protesto dos partidarios da federação portuense.

(Continua)

### Assembléa Geral da Classe

Com extraordinaria concorrência realisou-se no dia primeiro do corrente mez, a assembléa geral da nossa associação, a qual tinha por fim tratar de alguns assumptos pendentes da ultima reunião e igualmente tomar em attenção um officio enviado por alguns socios, a fim de se adoptar medidas energicas, tendendo a attenuar a crise gravissima porque estão passando.

Como se vê, tratava-se d'um dos assumptos mais graves que até hoje tem sido apresentados ao exame da assembléa, e por sua vez: «é grato confessar», esta não recusou a demonstração do alto comprehendimento associativo, concorrendo em grande numero.

Aberta a sessão, o presidente lembrou a conveniencia de entrar desde logo na discussão do referido officio, visto que sendo a sua importancia de tal ordem que exigia uma discussão tão ampla quanto as circunstancias o determinassem.

Approvado unanimemente este alvitre, foi concedida a palavra a um dos signatarios do officio, que em phrase repassada de um convencimento profundo, expôz à assembléa quaes as razões que o levaram a pedir aquella convocação, assim como os transeos dolorosamente cruciantes por que se vê assaltado, não só elle, mas como tambem os seus infortunados collegas a quem o trabalho escaceia, lamentando ao mesmo tempo que a commissão executiva, a cargo de quem estas questões estão incumbidas, fosse em demasia branda perante a phase angustiosa que está victimando a classe.

Em nome da mesma collectividade, respondeu-lhe um dos seus membros demonstrando-lhe a maneira coherente porque haviam procedido para com todos os consocios que antecipadamente tinham participado a situação difficil em que se encontravam, procurando sobretudo arranjar-lhe collocação profissional, conforme determina a lei porque nos regemos.

Trocadas estas explicações, fizeram ainda uso da palavra muitos nossos consocios procurando orientação devida a circunstancias de tão alta magnitude, sendo sobre tudo notavel um alvitre apresentado para que se officiasse ao Municipio de Lisboa, sollicitando-lhe o cumprimento restricto das suas posturas que se referem á maneira exclusiva, porque o uso dos arreios pode ser empregado, questão esta que n'outro numero trataremos mais amplamente.

A assembléa encerrou os seus trabalhos com uma proposta demandada da commissão executiva na qual se determina que desde já sejam convidados todos os consocios em crise, a escreverem os seus nomes e moradas na séde da associação, representando-se em seguida aos poderes publicos a admissão d'estes collegas nos arsenaes do exercito e marinha, isto independentemente de qualquer outro auxilio que lhes possa ser prestado.

Para uma associação novel na lucta e cujos recursos pecuniaros são demasiadamente exiguos, uma tal resolução manifesta o bom criterio que impera no nosso movimento, pois só d'esta forma podemos levar auxilio aos que soffrem as cruasas d'um destino ingrato, dando assim uma affirmação moral de vitalidade e cujas consequências não serão tão beneficas, quanto desejamos, mas que são contudo a expressão da nossa existencia associativa, consentanea aos modestos recursos de que dispomos.

### Commissão executiva da Associação dos Melhoramentos da Classe de Correeiros

#### AVISO

A fim de dar cabal cumprimento ás resoluções tomadas na ultima assembléa geral, são convidados todos os socios que se encontrem sem trabalho, a enviar os seus nomes e moradas para a séde da associação, calçada de São Francisco n.º 15, 1.º.

Roga-se toda a urgencia, e n'este sentido as declarações poderão ser feitas por escripto ou verbalmente.

CA commissão.

### Novo metal para freios

N'uma correspondencia enviada de Cincinnati para um jornal francez, vem a noticia de um novo metal que se nos afigura destinado a um largo futuro e cujo emprego, no confeccionamento dos freios, parece annunciar resultados magnificos.

O seu valor é muito inferior ao da prata, conservando contudo o mesmo aspecto que esta, é enorme a sua resistencia, não se oxida e torna se pelas suas qualidades espezias perfeitamente supportavel ao cavallo.

E' quasi inutil accrescentar que sendo inoxidavel é isento de toda a rugosidade que o torne incommodativo.

E já que falamos da America e de freios, vem a proposito lembrar que os americanos tem quasi como instinctivo, poupar ao cavallo tudo que representa fadiga inutil, chegando por vezes, mesmo a extremos que não só denunciam demasiado sentimentalismo, mas igualmente representam aspirações impraticaveis.

E' assim por exemplo que em Montréal (Canada) a sociedade protectora dos animaes, acaba de pedir com insistencia ás autoridades locais, a abolição dos bridões que segundo a mesma diz, se transforma em instrumento de tortura, nas mãos de um cavalleiro inhabil ou de um cocheiro brutal.

Quanto a nós a utilidade do bridão está por demais demonstrada e se por vezes do abuso do seu emprego, resulte prejuizo para o animal, não é todavia menos certo que com o seu uso, se dóma com mais facilidade os movimentos dos animaes impetuosos fazendo-os conservar o aspecto garboso e elegante tão agradável á vista e sobre tudo tão desejado pelos amadores de fino gosto.

D'esta maneira, pensam igualmente as autoridades d'aquella cidade, que indeferindo o pedido, prometteram contudo evitar quanto possivel, os abusos inuteis e prejudiciaes.

E não esqueçamos que n'esta resposta, está ainda bem claramente significado o elevado respeito e alta consideração, que os corpos administrativos d'aquella nação votam a todas as collectividades.

### Secção Noticiosa

**Linha de algodão em carrinhos.**—Nasceu esta industria em Portugal, graças á protecção da pauta. E já não é uma só fabrica a querer dar tal linha ao consumo. A fabrica de Fiação de Thomar foi a primeira a preparar-se para a fabricação. Os administradores d'esta fabrica tem sido incansaveis em distinguir e desenvolver a fabrica, cuja gerencia lhes está confiada.

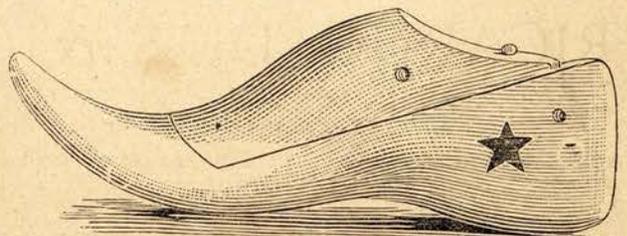
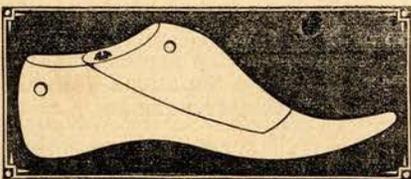
**Na Esgueira.**—O sr. Abel Augusto de Pinho, proprietario n'esta freguezia, mandou construir ali um predio para instalar a sua fabrica de cortumes.

**Tinta para sapateiros.**—Desenvolve-se a venda do pó dinamarque, o qual faz prontamente bem negro todo o couro a que se applica. Veja-se o annuncio na secção respectiva. Experimentem tambem os fabricantes de pelles pretas.

## UNICO DEPOSITO DE FORMAS ALLEMÃS

240 - RUA DOS FANQUEIROS - 242

João Ignacio Romão

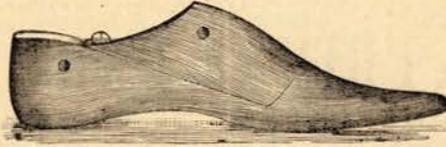


**JACINTHO J. RIBEIRO**

GRANDE DEPOSITO DE ARTIGOS PARA CALÇADO

**Lisboa — 194, Rua dos Fanqueiros, 200 — Lisboa**

Pelleria de côr  
em todas as qualidades  
para  
calçado de verão



Sortimento colossal  
de FORMAS  
de todos os modelos  
e tamanhos

Tem sempre avultado sortimento de fazendas da sua especialidade que recebe directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

**Fabrica a vapor de Alpargatas**

DE  
**Gonzalez & Tejedor**  
197 = Rua Occidental do Campo Grande = 197  
LISBOA

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos, para uso da rua, de casa e de banho. Importantes melhoramentos introduzidos na fabricação permitem apresentar trabalho de confiança e de agrado para o publico. Preços barattissimos para revender.

**MANUFACTURA DE COUROS ENVERNISADOS**

Bezerros pellicos e pretos engraxados

**GASQUIEL — DONZEL**

à AUBERVILLIERS (Seine, França)

Depositos em Paris

30, rue de Rambuteau

Representado por DIEGO ARACIL

31, MAGDALENA = MADRID

**P. PLANAS**

92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinas especiales para la fabricacion de calzado  
Membro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedad Cientifica Europea, de Bruselas  
Premiado con medalla de oro  
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece á los fabricantes e zapateros portuguezes, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el dia, como lo acredita el haber montado las principales de España y Sud-America.

Envio de catálogos detalhados segun demanda

**DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS**

PARA SAPATEIROS E CORREIROS

DE

**RICARDO DIAS & C.**

159, Rua dos Sapateiros (Arco Bandeira), 1.º

LISBOA

Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado

Vendas por grosso

**MACHINA**

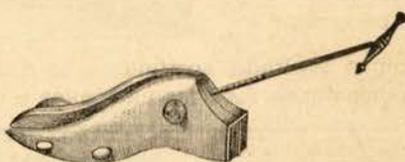
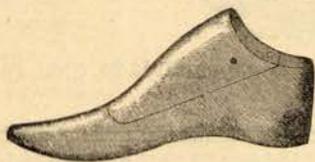
Vende-se uma machina de cozer solas, do autor Black, a qual ainda não foi usada.

Quem a pretender, dirija-se á Sapataria Visiense de Cadete e Irmão.

VIZEU

# F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO  
DE  
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das  
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères  
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67  
LISBOA

8

## PÓ DINAMARQUEZ

Para tinta de sapateiros e surradores já experimentado com aprovação  
por muitos fabricantes de calçado em Lisboa e Porto

50 grammas em meio litro de agua a ferver produz tinta preta para immediata  
applicação em sola e pelles, tanto pelo lado do carnaz como pela flôr.  
Vende se em saquinhos de papel de 20 grammas a 40 rs. Em porções de um kilo  
para mais se faz abatimento.

Agentes em Portugal — GOMES & FILHOS

LISBOA — 190, Rua dos Fanqueiros, 192

9

## JOÃO VERISSIMO PEREIRA

181, R. Direita de Oeiras, 181

OFFICINA  
DE

### Sapatos de trança

Preços por duzia sem desconta  
para mulher n.ºs 1 a 5, 47020  
réis, para homem n.ºs 6 a 11,  
47800 réis.

10

## LOJA DE FERRAGENS

16, RUA DO AMPARO, 16 — LISBOA

N'este estabelecimento encontra a sapataria um abundante sortimento de varios artigos de seu  
consumo, taes como **prego, carda e broxas, das melhores fabricas; fio, cer-  
das, botões, etc.** As melhores ferramentas do officio, como **torquezes, facas, gro-  
zas, buxetes, etc.** Encontram-se n'esta casa os **ferros de caixa e as caixas de  
esporas**, dos melhores fabricantes da actualidade. Todas as encomendas por atacado teem desconto  
e as de mil kilos para cima, enviam-se pelos caminhos de ferro com transporte gratis—as de 500 kilos  
pagam só metade do transporte. Agora se recebeu a **gommalina** que substitue com grande van-  
tagem a **colha** ou massa anteriormente empregada no officio.

11

*Pedidos dirigidos a* ANTONIO PAES BAETA